

A FORMAÇÃO DE UM *CORPUS* DE VERBOS DENOMINAIS: O CASO PARTICULAR DOS VERBOS PARASSINTÉTICOS

Alina Villalva

Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras e Centro de Linguística

1. INTRODUÇÃO

A parassíntese é um caso especial de formação de palavras, em particular nas línguas românicas. No Português, trata-se de um processo relevante, sobretudo no domínio da formação de verbos, que tem sido objeto de diversas descrições e análises, mas que continua a colocar diversos problemas de compreensão.

Costuma definir-se parassíntese como um processo de prefixação e sufixação simultâneas. No entanto, tendo em conta que nem sempre há intervenção de sufixos (cf. a[camp]ar) e que o papel dos prefixos presentes não é fácil de caracterizar, dado que podem até contrastar com formas em que estão ausentes (cf. borrarar vs. esborrarar), parece ser mais adequada a sua descrição como estruturas de convergência, em que uma única base é, por um lado, objeto de um processo de prefixação e, por outro, de um processo de conversão ou de sufixação (cf. VILLALVA, 2010).

Um outro problema que a descrição dos verbos parassintéticos coloca diz respeito à distribuição dos diversos prefixos e sufixos e à coexistência de formas geradas a partir de um mesmo radical. Consultando diversas fontes lexicográficas, encontramos um grande número de verbos deste tipo, nem sempre coincidentes

com aqueles cujas bases de dados lexicais nos permitem fazer supor que fazem parte do léxico contemporâneo do Português: em alguns casos, os verbos deixam de ser parassintéticos (cf. arrenegar vs. renegar); noutros, um prefixo é substituído por outro (cf. acurrallar vs. encurrallar); e noutros ainda, tudo muda, menos o radical (cf. afracar vs. enfraquecer). A análise histórica destas formas torna-se, assim, indispensável à necessária avaliação crítica dos registos de verbos parassintéticos nos dicionários gerais contemporâneos e, subsequentemente, à formação de corpora de análise.

Quem trabalha em morfologia ou lexicologia usa, de forma sistemática, dicionários ou bases de dados lexicais. Até ao final do século XX, e tendo como objeto o Português Europeu contemporâneo, os instrumentos disponíveis mais relevantes eram o dicionário da Porto Editora e o dicionário inverso de Elena Wolf, bem como o dicionário etimológico de José Pedro Machado. Tudo em suporte papel, é claro. De então para cá, muita coisa mudou. A alteração mais relevante resultou do aparecimento dos dicionários eletrônicos, sobretudo porque permitem fazer pesquisas muito mais seletivas e variadas e em muitíssimo menos tempo. Quase a par, surgiu também a possibilidade de aceder *on-line*, ou mesmo *off-line*, a digitalizações de diversos dicionários de acesso direto mais difícil. A pesquisa de dados tornou-se, portanto, mais fácil, mais cômoda e mais produtiva. O que os últimos 30 anos não trouxeram foi dicionários diferentes ou de melhor qualidade. Assim, quer recorramos aos velhinhos dicionários em papel, quer prefiramos os modernos dicionários eletrônicos e bases de dados lexicais, a substância da informação que obtemos é muito semelhante, e é isso que nos coloca perante problemas como aquele que aqui é trazido.

O meu ponto de vista de trabalho sobre a morfologia e o léxico é de natureza teórica. Interessa-me compreender as palavras do Português, como surgem no uso da língua e como se relacionam entre si. Para alcançar algum sucesso nessa empresa é preciso distinguir o essencial do acessório e aproximar o que, sendo aparentemente diferente, é afinal idêntico ou, sendo aparentemente idêntico, é na verdade distinto.

No domínio da formação de palavras, distinguir o essencial do acessório significa que o rol alargado de formas que a consulta de um dicionário permite constituir, porque integra palavras que partilham um sufixo ou um prefixo, por exemplo, não pode ser analisado cegamente, porque nem todas essas formas têm necessariamente o mesmo estatuto no léxico. Há, portanto, um conjunto de formas que nos vão permitir compreender o que é central no processo de formação de palavras que estamos a examinar e um outro conjunto de formas que não deve

ser tomado em consideração num mesmo plano do anterior, porque essas formas se encontram na periferia do processo de formação de palavras. No entanto, também é preciso analisar cuidadosamente essa franja de dados para garantir que não se excluam informações necessárias ao entendimento global do processo, nomeadamente no que diz respeito à sua dimensão diacrônica.

Neste capítulo, apresentarei uma descrição e análise dos verbos parassintéticos que assenta na consideração dos dados fornecidos pelos dicionários contemporâneos e por bases de dados do uso da língua, bem como em informação obtida em fontes lexicográficas mais antigas.

2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS VERBOS PARASSINTÉTICOS

A parassíntese é habitualmente descrita como um caso particular de derivação que, pelo menos nas línguas românicas, é sobretudo relevante na formação de verbos. Este processo de formação de palavras tem sido objeto de diversas descrições e análises⁵⁶, mas continua a colocar problemas vários. Começamos, então, por esclarecer o conceito. Said Ali (1931, 1964, p. 254) opõe a derivação parassintética à “derivação comum”. É também assim que interpreto esta etiqueta gramatical: a parassíntese remete para vários tipos de estruturas derivadas incomuns, que partilham a circunstância de poder envolver um ou mais afixos, mas de um modo diferente daquele que a sufixação derivacional ou a modificação (por prefixação ou por sufixação) usam. Tanto a derivação por sufixação (cf. 1a) quanto a modificação (cf. 1b), por prefixação ou por sufixação, geram estruturas binárias, formadas a partir da relação entre uma base e um afixo (cf. VILLALVA, 1994):

- | | | | | |
|-----|----|--------------------------|---|-------------------------------------|
| (1) | a. | sensibil _{RADJ} | > | sensibilidad _{RN} (e) |
| | b. | sensibil _{RADJ} | > | insensibil _{RADJ} |
| | | sensibil _{RADJ} | > | sensibilíssim _{RADJ} (o/a) |

Nas estruturas parassintéticas, esta relação binária parece não se verificar. Tomando em consideração apenas os verbos, é possível encontrar dois tipos de sequências. As primeiras são formadas por um radical adjetival ou substantival e um sufixo de verbalização (cf. 2a); nas segundas, nenhum sufixo está presente (cf. 2b):

⁵⁶ Cf. Villalva (1994), Rio-Torto (1994), Pereira (2002), Arim e Freitas (2003) e Rio-Torto *et al.* (2013), entre outros.

- (2)
- | | | | | | |
|-------------|-----------------|------|--------------|-----------------|------------------|
| a. a[mol] | _{RADJ} | ecer | _V | ‘tornar mole | _{ADJ} ’ |
| a[pedr] | _{RN} | ejar | _V | ‘atirar pedras | _N ’ |
| b. a[celer] | _{RADJ} | ar | _V | ‘tornar célere | _{ADJ} ’ |
| a[carici] | _{RN} | ar | _V | ‘fazer carícias | _N ’ |

As relações hierárquicas que se estabelecem entre os constituintes presentes nessas sequências são, no entanto, o que verdadeiramente as define. Assim, palavras como **insensibilizar** ou **dessensibilizar** que também são formadas por um prefixo, um radical e um sufixo, para além do constituinte temático e da flexão, correspondem inquestionavelmente a estruturas recursivamente binárias (cf. 3):

- (3)
- | | | | | |
|---|---|--------------|---|---------------------------------|
| sensibil | > | insensibil | > | insensibilizar |
| [[in [sensibil] _{RADJ}] _{RADJ} iz] _{RV} ar | | _V | = | tornar insensível |
| sensibil | > | sensibilizar | > | dessensibilizar |
| [des [[sensibil] _{RADJ} iz] _{RV}] _{RV} ar | | _V | = | fazer o inverso de sensibilizar |

A análise dos parassintéticos é mais complexa porque nenhuma das supostas formas intermédias (numa análise recursivamente binária) é uma palavra no Português:

- (4)
- | | | | | |
|-----------|-----------|----------------|-----------|--------------|
| acelerar | *acélere | _{ADJ} | *celerar | _V |
| amolecer | *amole | _{ADJ} | *molecer | _V |
| acariciar | *acarícia | _N | *cariciar | _V |
| apedrejar | *apedra | _N | *pedrejar | _V |

Note-se que os prefixos dos verbos parassintéticos participam num processo de prefixação que é específico da parassíntese, não fazendo parte do elenco de formas disponíveis noutros contextos:

- i. prefixo **a-** que ocorre no Português é um prefixo de negação, raramente utilizado (cf. anormal, agramatical) e que se associa a adjetivos – o prefixo **a-** da parassíntese não tem qualquer valor negativo;
- ii. a sequência **eN-** é absolutamente exclusiva da parassíntese (cf. engarrafar) e o mesmo se verifica com **es-** (cf. esvaziar);
- iii. quanto a **des-**, pode encontrar-se um paralelo com o prefixo **des-** que se associa a verbos (cf. desmontar), gerando um verbo que significa o contrário do verbo base; porém, o **des-** dos verbos parassintéticos parece estar associado ao valor de “tirar o que a base adjetival ou nominal refere” e, portanto, também não é a mesma forma⁵⁷.

⁵⁷ Algumas ocorrências do prefixo **es-** também têm este valor semântico (cf. *esfilar*), mas são raras.

Como se deve, então, analisar a estrutura das formações parassintéticas? Nenhuma das respostas conhecidas é inteiramente satisfatória. A hipótese tradicionalmente aceite é a de que se trata de um processo de prefixação e sufixação simultâneas, mas essa hipótese, que põe em causa a hipótese de ramificação binária (cf. VILLALVA, 1994), exige:

- i. ou que a vogal temática (geralmente **-a**) e/ou a flexão sejam consideradas sufixos de verbalização;
- ii. ou que os verbos que não contêm sufixo derivacional, como **enrijar** ou **engarrafar**, não sejam considerados como parassintéticos.

Nenhuma dessas alternativas é aceitável:

- i. a primeira confunde os sufixos especificadores (temático e flexão) com sufixos derivacionais, deixando por explicar a razão pela qual há casos, como **amolecer** ou **apedrejar**, em que um outro sufixo, este verdadeiramente derivacional, está presente (cf. *aceler* - - a - r vs. *apedr* - ej - a - r);
- ii. a segunda impede a consideração da formação de verbos parassintéticos com e sem sufixo como processos do mesmo tipo, o que não é desejável, dado que possuem muitas semelhanças morfossemânticas e mesmo estritamente morfológicas.

Uma versão mais recente dessa mesma hipótese é a que considera que verbos do tipo de **amolecer** **são formados por** circunfixação. Infelizmente, esta revisão da hipótese anterior não resolve nenhum dos problemas acima enunciados e acrescenta um novo. É que, ao ligar o ‘prefixo’ ao ‘sufixo’, agora tomados como partes do mesmo circunfixo, passamos de um elenco de quatro prefixos e quatro sufixos, considerando apenas os mais significativos, para um conjunto de dezesseis circunfixos:

- (5) a...e(ar), a...ej(ar), a...ec(er), a...iz(ar)
des...e(ar), des...ej(ar), des...ec(er), des...iz(ar)
en...e(ar), en...ej(ar), en...ec(er), en...iz(ar)
es...e(ar), es...ej(ar), es...ec(er), es...iz(ar)

Perde-se em economia, perde-se em capacidade de generalização, mas, como veremos adiante, o principal problema reside no fato de todo este aparato ser requisitado por um número muito diminuto de verbos. Em suma, nem a hipótese de sufixação e prefixação simultâneas nem a sua revisão como circunfixação descrevem adequadamente o processo de parassíntese.

Quanto às hipóteses que não põem em causa o princípio de ramificação binária, elas também não são isentas de problemas. Em primeiro lugar, devem escolher a prefixação ou a sufixação como operação básica; em segundo lugar, devem justificar a formação de um estágio intermédio no processo de formação de palavras que corresponde a uma forma que não tem existência no uso.

Em relação à primeira parte da questão, pode admitir-se que a hipótese mais plausível seria a de formar o verbo primeiro e associar o prefixo em seguida. Para discutir essa proposta, é útil fazer uma comparação com a formação de verbos por sufixação, porque recorrem exatamente ao mesmo conjunto de sufixos, e também é útil a comparação com a formação de verbos por conversão, que é um processo que existe independentemente. Todos estes verbos são semanticamente muito próximos, podendo ser caracterizados, de forma grosseira, como verbos de mudança de estado, ainda que se distribuam, de maneira sistemática, por diversos subtipos semânticos correlacionáveis com a natureza do processo de verbalização:

- | | | | |
|-----|----|---|-------------------------------------|
| (6) | a. | a [celer] _{RADJ} ar _V | ‘tornar célere _{ADJ} ’ |
| | | [igual] _{RADJ} ar _V | ‘tornar igual _{ADJ} ’ |
| | | a [mol] _{RADJ} ecer _V | ‘tornar(-se) mole _{ADJ} ’ |
| | | [agud] _{RADJ} izar _V | ‘tornar(-se) agudo _{ADJ} ’ |
| | b. | a [carici] _{RN} ar _V | ‘fazer carícias _N ’ |
| | | [armadilh] _{RN} ar _V | ‘fazer uma armadilha _N ’ |
| | | en [tron] _{izar} _V | ‘pôr no trono _N ’ |
| | | [hifen] _{RN} izar _V | ‘pôr um hífen _N ’ |

Este paralelismo entre a sufixação, a conversão e a parassíntese, no domínio da formação de verbos denominais, permite-nos entender que nem a sufixação nem a prefixação são estritamente indispensáveis, dado que a conversão do radical permite, em muitos casos, obter o resultado pretendido (cf. *igualar* e *armadilhar*). Essa constatação é reforçada tanto por casos de alternância entre verbos formados por conversão e verbos formados por sufixação (cf. 7a) como entre verbos formados por conversão e verbos formados por parassíntese (cf. 7b), sem que se verifiquem alterações semânticas significativas:

- | | | |
|-----|----|------------------------|
| (7) | a. | alicerçar = alicercear |
| | | amarelar = amarelecer |
| | | ampliar = amplificar |
| | | planejar = planejar |
| | b. | engalanar = engalanear |
| | | enfuriar = enfurecer |
| | | esfolegar = resfolegar |

Em relação à prefixação, verifica-se que muitos parassintéticos coexistem com verbos em que o prefixo não está presente, seja na variação dialetal (cf. 8a), seja na variação diacrônica (cf. 8b), seja no contraste com uma outra língua (cf. 8c), sem que, de novo, se verifiquem contrastes semânticos significativos:

- (8)
- | | |
|----|---|
| a. | balançar (PE) vs. embalançar (PB) |
| b. | bravejar (desusado) vs. esbravejar (em uso) |
| c. | doutrinar vs. endoutrinar ⁵⁸ (cf. Inglês indoctrinate) |

A comparação interlinguística mostra, também, diversos contrastes desse tipo. O exemplo seguinte diz respeito a verbos derivados do adjetivo *que*, em Latim, tinha a forma *curtus*. Nessa língua, o verbo causativo, com o valor aproximado de “tornar curto”, é formado por conversão (i.e. curto, -are), mas, nas diversas línguas românicas, encontram-se vários casos de parassintéticos⁵⁹, e por vezes até se encontram diferentes formas na mesma língua, para além da possibilidade de ocorrência do verbo formado por conversão:

- (9)
- | | | | | |
|------------|--------|----------------|----------|-----------------|
| Castelhano | cortar | acortar | | |
| Catalão | | | | escurçar |
| Francês | | | | écourter |
| Italiano | | accorciare | | raccourcir |
| Português | cortar | acurtar (des.) | encurtar | racorciare |
| Romeno | | | | recortar |
| | | | | a scurta |

Esse conjunto de observações permite, pois, entender que o processo crucial é o da formação de um verbo e que ele pode dispensar quer a sufixação quer a prefixação, o que também significa que não obtemos qualquer indicação quanto à ordenação dos processos na parassíntese, e, consequentemente, que a sua análise como estrutura binária recursiva perde força explicativa.

A segunda questão relativa a essa hipótese de análise, ou seja, a justificação da formação de um estágio intermédio que corresponde a uma forma que não tem existência no uso (cf. *celerar, *amole) também ficou por resolver. A consideração de verbos não prefixados é meramente estipulativa no caso dos verbos parassintéticos: formas como **molecer** e **amolecer não estão em distribuição livre. Por outro lado, a modificação de radicais adjetivais e substantivais por prefixos que nunca ocorrem nesse contexto, nem se adivinha que função**

⁵⁸ Cf. quando um professor não “endoutrina” um aluno, ele deixa todo o lugar à ideologia dominante -n R. J. T. Silveira (2001) *A Filosofia vai à Escola?* Campinas: Autores Associados.

⁵⁹ O caso do Romeno parece ser distinto e merecedor de atenção particular.

semântica teriam (cf. *entrono, *esfrio), torna a formação dessas sequências igualmente imotivada.

Em suma, a parassíntese apresenta-se como um processo de verbalização por intervenção de um processo de conversão (cf. 10a) ou sufixação derivacional (cf. 10b) sobre um radical adjetival ou nominal, radical que também é objeto de um processo de prefixação. Estes verbos devem, pois, ser descritos de forma compatível com a da descrição de verbos denominais não-parassintéticos:

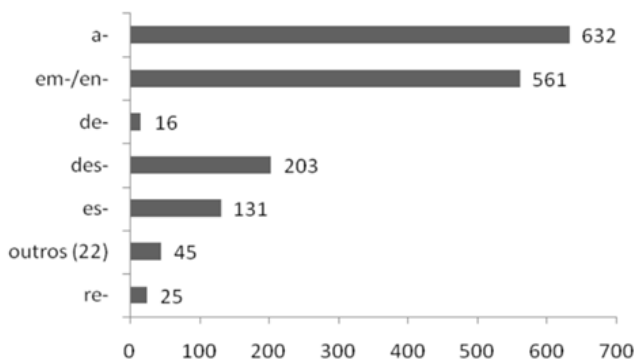
(10)	a. a [quiet] _{RADJ} RV ar	inquiet] _{RADJ} RV ar
	en [garraf] _{RN} RV ar	ameaç] _{RN} RV ar
	b. es [tont] _{RADJ} RV e] _{sufixo} ar	alt] _{RADJ} RV e] _{sufixo} ar
	es [brav] _{RADJ} RV ej] _{sufixo} ar	turv] _{RADJ} RV ej] _{sufixo} ar
	en [dur] _{RADJ} RV ec] _{sufixo} er	obscur] _{RADJ} RV ec] _{sufixo} er
	con [fratern] _{RADJ} RV iz] _{sufixo} ar	amen] _{RADJ} RV iz] _{sufixo} ar
	en [lam] _{RN} RV e] _{sufixo} ar	ond] _{RN} RV e] _{sufixo} ar
	a [pedr] _{RN} RV ej] _{sufixo} ar	ar] _{RN} RV ej] _{sufixo} ar
	a [noit] _{RN} RV ec] _{sufixo} er	alvor] _{RN} RV ec] _{sufixo} er
	a [terror] _{RN} RV iz] _{sufixo} ar	hospital] _{RN} RV iz] _{sufixo} ar

3. CONSTRUÇÃO DE UM CORPUS DE VERBOS DENOMINAIS

As descrições dos processos morfológicos baseiam-se, geralmente, em *corpora* constituídos a partir de fontes lexicográficas. Ao reunir um conjunto de palavras deste tipo, percebe-se que o resultado se afasta, de forma mais ou menos sensível, do conjunto de palavras que os falantes reconhecem e mais ainda do que usam. Que palavras estranhas são essas? Por que razão estão dicionarizadas? Que consequências tem a sua consideração na descrição dos dados? Esta secção é dedicada a essa análise.

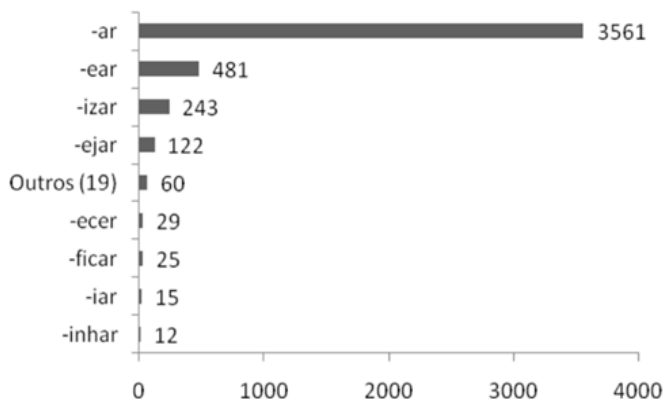
Bassani (2009) apresenta um levantamento de verbos denominais feito com base num *corpus* elaborado a partir do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Esse *corpus* é formado por 4.549 verbos, 35% dos quais são verbos parassintéticos. Nesse conjunto de parassintéticos, 39% dos verbos apresentam o prefixo **-a**, 35% contêm o prefixo **em-/en-**, 12% exibem o prefixo **des-** e 8%, o prefixo **es-**. Nos restantes 6%, ocorrem diversos prefixos (como, por exemplo, **re-**), que não é aqui relevante considerar (cf. Figura 5.1).

Figura 5.1 – Prefixos: Bassani (2009)



Os dados apresentados por Bassani (2009) quanto à sufixação englobam a totalidade dos verbos considerados, e não apenas os parassintéticos, e mostram que o sufixo mais frequente é **-e(ar)**, com 10,5%, seguido de **-iz(ar)**, com 5%, de **-ej(ar)**, com 3%, e depois de **-ec(er)** e **-ific(ar)**, com 0,6% e 0,5%, respectivamente, mas a maior percentagem (78%) é a dos verbos em que nenhum sufixo derivacional está presente (cf. Figura 5.2).

Figura 5.2 – Sufixos: Bassani (2009)



Mais importante do que essas contagens é a interpretação dos números, é fazer perguntas e procurar obter respostas. Os dados de Bassani (2009) indiciam que a parassíntese é um processo relevante no Português e também que a presença de um sufixo de verbalização não é indispensável. Mas os dados considerados por Bassani (2009) não distinguem formas em uso de formas desusadas, ou formas que eventualmente se encontram em distribuição complementar, se considerarmos o eixo cronológico. A consulta de fontes lexicográficas mais diversificadas mostra

que essas distinções são cruciais para a análise destes verbos. Vejamos alguns exemplos no Quadro 5.1:

Quadro 5.1 – Comparação de registos lexicográficos

MORAIS 1813	FIGUEIREDO 1913	INFOPÉDIA 2020	GLOSA
embrutecer	abrutalhar, abrutar, abrutecer, brutificar, embrutecer	embrutar → embrutecer = abrutalhar ← abrutar brutificar	‘pôr(se) bruto’
encruzar, cruzar	cruzar, encruzar, encruzilhar	cruzar = encruzar ← encruzilhar	‘pôr em cruz’
endurar, endurecer	endurar, endurecer, endurentar	endurar → endurecer ← endurentar	‘pôr(se) duro’
afracar, fraquear, enfraquecer	afracar, afraquentar, enfraquecer, enfraquentar, fraquear, fraquejar, fraquentar	afracar → enfraquecer ← enfraquentar ≠ fraquejar ← fraquear	‘pôr(se) fraco’
enfurecer	enfurecer, enfuriar	enfuriar → enfurecer	‘pôr furioso’
	emporcar, emporcalhar	emporcar → emporcalhar	‘pôr porco’
enraivecer	enraivar, enraivecer, raivar, raivecer, raivejar	enraivar = enraivecer, raivecer raivar ← raivejar	‘pôr raiva’
entronear, entronizar	entronar, entronear, entronizar	entronar = entronizar	‘pôr no trono’

Fonte: Moraes (1813); Figueiredo (1913); Infopedia (2020).

Esses exemplos mostram que são frequentes os casos de verbos formados a partir de um mesmo radical, com recurso a diferentes prefixos e sufixos (ou apenas à conversão), sendo descritos como sinônimos ou remetendo de uns para outros, como se verifica com os derivados do radical de **bruto**. Acresce que, em alguns casos, como **enfraquecer** e **fraquejar**, os dicionários estabelecem interpretações distintas que só a consulta de *corpora* textuais permitirá avaliar. Curiosamente, esta grande profusão de formas semanticamente idênticas e formalmente próximas encontra-se na base de dados da Infopédia, tal como se encontra no dicionário de Cândido de Figueiredo, que é 100 anos mais velho, mas não está presente no dicionário de Moraes, de 1813.

Se procedermos a idêntica pesquisa, mas nas primeiras fontes lexicográficas do Português (cf. Quadro 5.2), confirmamos que o número de formas parassintéticas registadas só aumenta com Figueiredo (1913) e, curiosamente, os registos lexicográficos mais antigos são frequentemente mais compatíveis com o que encontramos numa pesquisa de uma base de dados textuais, como o CRPC, e no Corpus do Português (cf. Quadro 5.3 e Quadro 5.4) do que os registos lexicográficos mais recentes.

Quadro 5.2 – Comparação de registos lexicográficos

<i>Cardoso</i> 1569-1570	<i>Pereira</i> 1697	<i>Bluteau</i> 1712-1728	<i>Feijó</i> 1734
		Embrutecer	embrutescer
encruzar	Encruzar	Encruzar	encruzar
endurecer	Endurecer	Endurecer	endurecer
enfraquecer	Enfraquecer	afracar ≠ enfraquecer	enfraquecer
	Enfurecer	enfurecer	enfurecer
			enraivecer
	Entronizar	entronizar	

Quadro 5.3 – Comparação de registos textuais (fúria, porco, raiva, trono)

fúria		porco, a(s)		raiva		trono	
s. 16-20	c. 2000	s. 13-20	c. 3500	s. 15-20	c. 1800	s. 13-20	c. 1800
enfurecer		emporalhar		enraivecer		entronizar	
s. 17-20	c. 150	s. 19-20	c. 26	s. 18-20	10	s. 17-20	c. 50
enfuriar				raivar		entronar	
s. 20	1			s. 16-19	3	s. 20	1

sem registos		
emporcar	enraivar raivecer raivejar	entronear

Fonte: Cardoso (1813); Pereira (1697); Bluteau (1712-1728); Feijó (1734).

Quadro 5.4 – Comparação de registos textuais (bruto, cruz, duro, fraco)

bruto, -a(s)		Cruz		duro, -a(s)		fraco	
s. 14-20	c. 7500	s. 14-20	c. 2750	s. 13-20	c. 12500	s. 13-20	c. 11000
embrutecer		cruzar		endurecer		enfraquecer	
s. 19-20	c. 30	s. 13-20	c. 3750	s. 16-20	c. 400	s. 13-20	c. 14500
		encruzar				fraquejar	
		s. 19-20	3			s. 19-20	c. 130
						fraquear	
						s. 17-19	2
						afracar	
						s. 16	1

sem registros

Abrutalhar abrutar abrutecer brutificar embrutar embrutescer	encruzilhar	endurar endurentar	enfraquentar afraquentar fraquentar
---	-------------	-----------------------	---

O Quadro 5.5 mostra, à esquerda, todas as formas identificadas na totalidade das fontes lexicográficas consultadas e, à direita, o conjunto de formas com expressão no uso contemporâneo do Português Europeu:

Quadro 5.5 – Comparação entre registos lexicográficos e registos textuais

<i>Registos lexicográficos</i>	<i>Registos CRPC</i>
abrutalhar, abrutar, abrutecer, brutificar, embrutar, embrutecer	embrutecer
cruzar, encruzar, encruzilhar	cruzar
endurar, endurecer, endurentar	endurecer
afracar, afraquentar, enfraquecer, enfraquentar, fraquear, fraquejar, fraquentar	enfraquecer fraquejar
enfurecer, enfuriar	enfurecer
emporcalhar, emporcar	emporcalhar
enraivar, enraivecer, raivar, raivecer, raivejar	enraivecer
entronar, entronear, entronizar	entronizar

Essa amostra permite confirmar que muitas das inovações lexicais introduzidas nos dicionários a partir do século XX não correspondem a palavras em uso, pelo menos no Português Europeu, mas pode ser interessante pesquisar o que terá levado os dicionaristas a acolher essas formas. No caso do dicionário de Cândido de Figueiredo, sabe-se que o processo de compilação assenta no acolhimento de formas com registos lexicográficos anteriores, o que se comprova em casos como **encruzar**, **endurar**, **afracar** e **fraquear** ou **entronear**. Mas esse procedimento não

explica muitos outros casos, como **abrutalhar**, **abrutar**, **abrutecer** e **brutificar**, **endurentar**, **fraquentar**, **afraquentar** ou **enfraquentar**, **emporcar** e **enraivar**, **raivecer** e **raivejar**, para os quais não se encontram registos anteriores nem exemplos de uso, pelo que não é possível avaliar os significados que lhes são atribuídos. Neste caso, é possível que o dicionarista se tenha dedicado a explorar os recursos morfológicos disponíveis, aumentando o número de verbetes do seu dicionário. É oportuno assinalar que muitas dessas formas continuam a fazer parte da nomenclatura de dicionários contemporâneos.

Considerando, então, que muitas formas dicionarizadas não têm existência fora das páginas dos dicionários, o que confere a estas entidades um estatuto particular enquanto fonte para o estudo das palavras complexas, é necessário reformular o *corpus* de análise. Idealmente, todas as formas dicionarizadas deveriam passar pelo crivo da atestação em *corpora*. Uma metodologia alternativa consiste na elaboração de uma recolha seletiva que assenta no conhecimento de um falante nativo. Essa é a metodologia que está na base do *corpus* que se segue e que se baseia no conjunto de verbos presentes em *O Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Cândido de Figueiredo (1913)⁶⁰, que está disponível em www.dicionario-aberto.net. Essa seleção inclui verbos parassintéticos deadjetivais e denominais que, na minha opinião, são palavras em uso no Português Europeu contemporâneo. A distribuição dos verbos pelos recursos mais significativos é a seguinte:

Tabela 5.1 – Distribuição dos verbos parassintéticos

	-ec(er)	-ej(ar)	-e(ar)	-iz(ar)	sem sufixo	Total
a-	5	1	4	2	151	163
en-	18	0	1	2	170	191
es-	3	2	6	1	31	43
des-	0	0	1	2	37	40
Total	26	3	12	7	389	437

Fonte: Figueiredo (1913).

Esses valores não são diretamente comparáveis com os de Bassani (2009), que inclui verbos denominais em sentido estrito (não incluem os deadjetivais) e formados por qualquer dos processos disponíveis, mas verifica-se que as principais tendências são semelhantes. É fácil perceber que os verbos parassintéticos sem sufixo são muito mais numerosos do que os parassintéticos que contêm um sufixo;

⁶⁰ A escolha deste dicionário prende-se com o fato de ele permitir fazer pesquisas por sequência localizadas no início, no meio ou no final das palavras e também com o fato de os dicionários posteriores não serem substancialmente diferentes.

e, por outro lado, também se constata que os prefixos **a-** e (sobretudo) **en-** **são os mais abundantes**. No Quadro 5.6, registram-se os verbos parassintéticos que contêm um sufixo derivacional; os parassintéticos formados por prefixação e conversão em **en-**, **a-** e **es-** estão listados no Quadro 5.7; e os que exibem o prefixo **des-** estão registados no Quadro 5.8.

Quadro 5.6 – Verbos parassintéticos (prefixo e sufixo)

	a-	en-	es-	des-
-ec(er)	anoitecer; amadurecer; amanhecer; amolecer; apodrecer	embranquecer; embrutecer; emagrecer; emudecer; empalidecer; empobrecer; endoidecer; endurecer; enfraquecer; engrandecer; enlouquecer; enrijecer; enriquecer; ensurdecer; entardecer; enternecer, entristecer; envelhecer	esclarecer; espairecer; espavorecer	
-ej(ar)	apedrejar		esbracejar; esbravejar	
-e(ar)	acarear; acobrear; afogear; arroxear	enlamear	esbofetear; escoicear; esfaquear; esverdear espernear; estontear	desnortear
-iz(ar)	amortizar; aterrorizar	encolerizar; entronizar	espavorizar	desodorizar; desratizar

Quadro 5.7 – Verbos parassintéticos (prefixo a-; eN-; es- e conversão)

X[b]	abandalhar; abastardar; abotoar; abraçar; abrandar; abrasar	embainhar; embalsamar; embandeirar; embaraçar; embarrilar; embasbacar; embebedar; embeijar; embirrar; embonecar; embrechar; embrenhar; embruxar; embuçar; embuchar	esbarrigar; esbeijar; esborrachar; esburacar
X[d]	adiantar; adensar; adiar; adoçar	endeusar; endireitar; endividar; endoidar	
X[g]	agravar; agrupar	engaiolar; engalanar; engarrafar; engatar; engatilhar; engavetar; englobar; engomar; engordar; engordurar; engrajar; engraxar; engrossar	esgargalar; esgotar
X[p]	apadrinhar; apainelar; apaixonar; apalavrar; apanicar; apaparicar; aparafusar; aparentar; aperfeiçoar; apertar; apimentar; aplainar; aportuguesar; apossar; apoucar; apropriar; aprovar; aprazar; apreçar; aprimorar; aprofundar; aprontar; aprovar; aproveitar; aprovisionar; aproximar; aprumar; apunhalar	empacotar; empalhar; empandeirar; empanturrar; empapar; emparceirar; emparedar; emparelhar; empastar; empastelar; empedrar; emperrar; empestar; empinar; empoçar; empoeirar; empoleirar; empossar; emprenhar; empunhar	espalhar; espalmar; espernear; espiolhar; espriar; espreguiçar

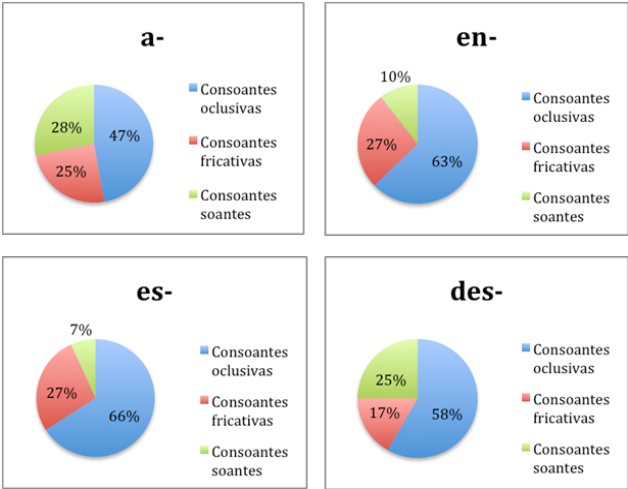
X[t]	atamancar; atapetar; atarefar; atarraxar; aterrar; atestar; atormentar; atraíçoar; atravancar; atravessar; atropelar	entaipar; entalhar; entediar; enterrar; entesar; entortar; entrançar; entrapar; entroncar; entulhar	
X[k]	acalmar; acamar; acampar; acariciar; acarretar; acasalar; acastanhar; acautelar; aclarar; acobardar; acobertar; acolchoar; acomodar; acondicionar; aconselhar; acorrentar; acostumar; acreditar; acumular; aquartelar; aquietar	encabeçar; encadear; encadernar; encafuar; encaixar; encaixotar; encalhar; encaminhar; encanar; encanastrar; encapotar; encaracolar; encarapinhar; encargar; encarcerar; encarniçar; encaroçar; encarquilhar; encarrapitar; encarregar; encarreirar; encarrilar; encartar; encasquetar; encasquilhar; encavacar; enclausurar; encobertar; encolerizar; encorajar; encorpar; encortigar; encostar; encovar; encravar; encrespar; encriptar; encrostar; encruar; encruzar; encubar; encurrular; encurtar; encurvar; enquadrar; enqueijar	escancorar; escangalhar; escaqueirar; escavacar; escaveirar; escoicear; esconjurar
X[f]	afadigar; afamar; afixar; afiançar; afiar; afirmar; afivelar; aflorar; afocinhar; afrancesar; afrontar; afrouxar; afundar; afunilar	enfadar; enfaixar; enfardar; enfarinhar; enfarpelar; enfarruscar; enfartar; enfastiar; enfaturar; enfeirar; enfeitiçar; enfeixar; enfiar; enfileirar; enfolar; enforçar; enformar; enfornar; enfrascar; enfrenesiar; enfrentar; enfronhar	esfarelar; esfarrapar; esfomear; esforçar; esfriar; esfumar; esfrangalhar
X[s]	acelerar; acertar; acinzentar; assalarciar; assaltar; assegurar; assinalar; assoalhar; assombrar; assoprar	encenar; encerrar; encerrar; encestar; encimar; ensaboar; ensacar; ensanguentar; ensarilhar; ensebar; ensombrar; ensopar	
X[j]	achatar	encharcar; enchouriçar; enchumaçar	
X[v]	avaliar; aveludar; averbar; avermelhar; aviar; avinagrar; avistar; avivar; avolumar; avultar	envasar; envenenar; enveredar; envergonhar; envernizar; enviesar; envidraçar; enviuvar	esvaziar; esventrar; esverdear
X[ç]	agigantar; ajardinar; ajoelhar; ajuizar	engelhar; engessar; enjaular	
X[m]	amaciar; amadurar; amaldiçoar; amansar; amanteigar; amamar; amarelar; amargurar; amargar; amassar; amesquinhar; amestrar; amofinar; amontoar; amordaçar; amornar; amortalhar; amotinar	emoldurar	esmigalhar; esmurrar
X[n]	anichar; anotar; anular	enamorar; enervar; enevoar; enojar	
X[l]	alaranjar; alargar; aligeirar; alinhar; alisar; alongar; alourar	enlaçar; enlamear; enlatar	
X[r]	arraçar; arrebanhar; arrecadar; arredondar; arregaçar; arregalar; arregimentar; arrevesar; arrolhar; arrombar; arruar; arruinar	enraizar; enredar; enrelvar; enrijar; enrolar; enrugar	

Quadro 5.8 – Verbos parassintéticos (prefixo des- e conversão)

desabar desovar desunhar	despedaçar despencar despenhar destampar destelhar desterrar destronar destampar descabeçar	descabelar descampar descarnar descaroçar descarrilar descascar descompassar descortinar	desfear desfigurar desfraldar desfrisar desfrutar	desmantelar desmembrar desmemoriar desmesurar desmiolar desmontar desnatar
--------------------------------	---	---	---	--

Uma primeira observação qualitativa suscitada por esses dados é a de que a parassíntese seleciona apenas radicais cujo segmento inicial é consonântico⁶¹, exceto no caso da prefixação em **des-** (cf. desodorizar, desabar, desovar, desunhar). Essa é **uma constatação bastante surpreendente, dado que se trata de uma restrição de seleção mecânica, que se pode compreender melhor no caso do prefixo a-**, para evitar a criação de um hiato (cf. *aancorar), e pior nos casos em que a sequência fonética produzida não é problemática (cf. *enancorar vs. enumerar). Uma outra constatação relaciona-se com a natureza fonética do segmento inicial do radical derivante, verificando-se a seguinte distribuição:

Figura 5.3 – Distribuição dos prefixos



⁶¹ O verbo *enaltecer* parece ser uma exceção, mas o facto de se tratar de uma forma atestada no Castelhana a partir do século 14, e só a partir do século 19, no Português, permite-nos admitir a hipótese de se tratar de um castelhanismo e não de uma formação dissonante no Português.

Nesse caso, não se detectam claras restrições de seleção, até porque a quantidade de dados é pequena, mas verificam-se algumas tendências:

- i. os prefixos **en-** e **es-** associam-se raramente a bases cujo primeiro segmento é uma consoante soante;
- ii. esses mesmos prefixos (i.e., **en-** e **es-**) são preferidos por bases cujo primeiro segmento é uma consoante oclusiva;
- iii. as bases começadas por consoantes soantes dão preferência aos prefixos **en-** ou em **des-**

Essa primeira análise, de natureza formal, sugere que a questão eufônica (ou disfônica) parece ter um papel na escolha do prefixo e, por outro lado, indica que o prefixo **des-** se distingue dos restantes porque não é afetado por restrições fonéticas. Os dados registados nos Quadros 5.9 e 5.10 incluem, respectivamente, os verbos formados por conversão e os verbos formados por sufixação derivacional, a partir de bases cujo segmento inicial é vocálico, o que permite confirmar a distribuição complementar dos processos de verbalização, neste caso.

Quadro 5.9 – Verbos parassintéticos (prefixo a- e conversão)

abandar	adornar	alfinetar	anestesiado	assobiar	improvisar
abismar	adubar	algemar	anilhar	aumentar	incensar
abobadar	adulterar	alimentar	ansiar	avisar	incentivar
aboborar	agoirar	alinhar	apelidar	espumar	incrementar
abortar	agrafar	aliviar	apostar	estacar	influenciar
açafrão	aguardar	almofadar	arbitrar	idolatrar	intervalar
acenar	alavancar	amargar	armadilhar	igualar	invejar
açoitar	albardar	amargurar	arquivar	ilustrar	obsequiar
açucarar	alcatifar	ambicionar	arvorar	imaginar	ondular
adjetivar		ancorar	asfaltar	impacientar	

Quadro 5.10 – Verbos parassintéticos (prefixo a- e sufixação)

-ec(er)	alvorecer	escurecer	obscurecer	
-ej(ar)	alvejar	arejar		
-e(ar)	alardear altear	espingardear estrondear	hastear ombrear	ondear
-iz(ar)	agilizar agudizar alfabetizar harmonizar hierarquizar hifenizar	higienizar homogeneizar horrorizar hospitalizar hostilizar humanizar	idealizar imbecilizar imunizar industrializar infantilar infernizar	interiorizar internacionalizar oficializar organizar urbanizar utilizar

4. REVISÃO DA ANÁLISE DOS VERBOS PARASSINTÉTICOS

A procura de uma nova descrição das estruturas parassintéticas deve centrar a sua atenção em dados fiáveis, ou seja, em palavras atestadas cujo significado seja determinável, e no pressuposto de que a descrição dessas estruturas tem de ser compatível com a descrição da formação dos verbos denominais formados por conversão e por sufixação.

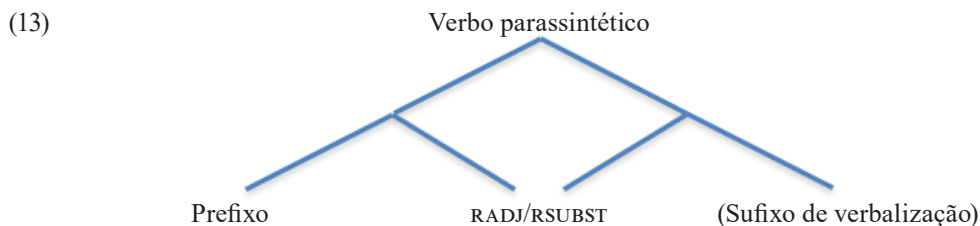
A análise do *corpus* permite identificar algumas subregularidades semânticas do processo de formação de verbos denominais. Com efeito, a coocorrência de bases associadas a diferentes prefixos, como **adoidar** e **endoidar**, ou a diferentes prefixos e sufixos, como **aclerar** e **esclarecer**, não é aleatória. Muitos desses casos mostram uma alternância entre os prefixos **a-** e **en-** (cf. 11a) dentro do mesmo tipo semântico e um contraste entre verbos prefixados por **en-** e verbos prefixados por **des-**, que também é um contraste semântico (cf. 11b):

- | | | | | |
|------|----|------------|-------------|-------------------------------------|
| (11) | a. | acobertar | encobertar | ‘pôr a coberto’ |
| | | assombrar | ensombrar | ‘pôr sombra’ |
| | | aterrar | enterrar | ‘pôr na terra’ |
| | b. | encarrilar | descarrilar | ‘pôr nos carris / tirar dos carris’ |
| | | entronizar | destronar | ‘pôr no trono / tirar do trono’ |
| | | enfiar | desfiar | ‘pôr no fio / tirar fios’ |

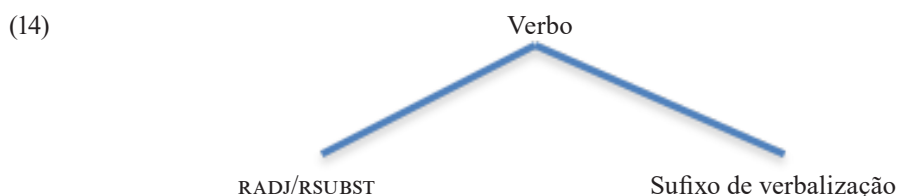
Esses dados permitem compreender que a verbalização parassintética forma dois tipos de verbos de mudança de estado: um que tem uma interpretação “aditiva”, e que a parassíntese explicita usando os prefixos **a-**, **en-** e **es-** (processo que também está disponível nos casos de conversão simples e de sufixação); e outro tipo, de natureza “subtrativa”, para o qual a parassíntese escolhe o prefixo **des-** (e mais raramente, **es-**):

- | | | | |
|------|----|-------------|--------------------|
| (12) | a. | aterrorizar | ‘pôr terror’ |
| | | envasar | ‘pôr em vaso’ |
| | | escoicear | ‘dar coices’ |
| | b. | desodorizar | ‘tirar odor’ |
| | | esfarelar | ‘reduzir a farelo’ |

A análise dessas formas como estruturas convergentes, que propus em Villalva (2010), parece ser a que melhor se adequa aos casos em que a parassíntese compete com a conversão ou com a sufixação. Essa hipótese de análise prevê a intervenção concomitante de um processo de verbalização (por sufixação ou conversão) e um processo de modificação (por prefixação) sobre uma mesma base (i.e. radical adjetival ou substantival).



A estrutura dos verbos formados por sufixação (cf.14) e dos verbos formados por conversão (cf. 20) encaixa na anterior, o que permite aproximar os três processos e também compreender os contrastes entre verbos parassintéticos e os restantes por perda da subestrutura de prefixação ou da subestrutura de sufixação:



5. CONCLUSÃO

A formação de verbos denominais no Português é um processo complexo porque dispõe de diversos recursos (conversão, sufixação e parassíntese) para formar verbos de um único tipo semântico (i.e. mudança de estado), que se manifesta de duas formas distintas: num caso, os verbos têm uma interpretação “aditiva” e, em outros, **têm uma interpretação** “subtrativa”. A primeira interpretação pode ser realizada por conversão (cf. amargar), sufixação (cf. clarificar) ou parassíntese (cf. engarrafar), mas a segunda só é realizável por parassíntese (cf. desossar). Essa diversidade de recursos dá origem a uma multiplicidade de palavras possíveis, verificando-se que o subconjunto em uso pode estar sujeito a variação diacrónica, diastrática ou diatópica e que o seu funcionamento é complexo e difícil de descrever e analisar.

Com efeito, há um conjunto significativo de formas que alguns falantes não aceitam, embora outros as produzam e reconheçam. Em alguns casos, trata-se de preferências relacionadas com contrastes dialetais (cf. PB embalançar, engatinhar vs. PE balançar, gatinhar); noutros, trata-se de contrastes socioletais, particularmente

frequentes no registo oral e informal e especialmente em falantes de baixo nível de escolaridade (cf. amandar, alembrar, destocar, desdivorciar vs. mandar, lembrar, trocar, divorciar). Um outro tipo de contraste resulta do confronto entre formas que estão dicionarizadas, mas são recebidas como estranhas pelos falantes (cf. encamar, emprissonar, escamar, espedaçar, esfugentar, esparcelar, agatanhar), e as que estão atestadas, não só na atual sincronia, mas também em sincronias passadas. Por último, é fácil constatar que alguns radicais adjetivais ou nominais são objeto de diversos processos de verbalização (cf. clarear, clarificar, aclarar, esclarecer). Ainda que o valor semântico dessas formas possa ser, numa análise superficial, idêntico (cf. clarear, clarificar, aclarar, esclarecer = ‘tornar claro’), uma análise mais fina mostra interpretações particulares:

- (16) O dia já clareou (*clarificou/*aclarou/*esclareceu).
É preciso clarificar / esclarecer (*clarear /*aclarar) essa questão.
Este é um produto para aclarar / clarear (*clarificou/*esclareceu) o cabelo.

Por todas essas razões, a qualidade do *corpus* de análise ganha uma especial relevância, merecendo a nossa melhor atenção. Nesse sentido, construí um *corpus* de verbos parassintéticos selecionado manualmente a partir dos registos presentes no dicionário de Cândido de Figueiredo, tendo em conta a minha própria avaliação dos dados recolhidos enquanto falante nativa do Português Europeu. Essa recolha permitiu constatar que a grande maioria dos verbos parassintéticos envolve prefixação e conversão e permitiu também perceber que a formação de verbos parassintéticos não ocorre quando a base (adjetival ou substantival) tem uma vogal na posição inicial.

A seleção manual deve, no entanto, ser complementada por uma verificação da ocorrência dessas formas em *corpora* históricos. Essa verificação foi feita em relação a uma amostra composta por verbos derivados de quatro adjetivos e de quatro substantivos, o que permitiu constatar que os dicionários do Português Europeu contemporâneos, incluindo o de Cândido de Figueiredo, publicado no início do século XX, incluem muito mais verbos do que os dicionários anteriormente publicados. Além disso, foi possível perceber que muitos dos neologismos de Figueiredo também não estão atestados ou têm muito poucos registos.

Esse caso serviu, antes de mais, como pretexto para uma reflexão sobre a qualidade dos dados usados na descrição e análise de processos de formação de palavras, defendendo a necessidade de introduzir como filtro a atestação das palavras e o seu tempo de vida. Mas também permitiu avançar com a discussão da formação dos verbos parassintéticos, propondo que se trata de estruturas de

convergência formadas por prefixação e sufixação/conversão independentes sobre uma mesma base adjetival ou substantival.

REFERÊNCIAS

ARIM, E.; FREITAS T. Parassíntese e conversão: uma nova explicação para um velho problema. In: *Actas Do XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 2003. p. 443-454. <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2003-35.pdf>

(05/05/2020).

BASSANI, I. S. Verbos denominais parassintéticos com prefixo em-/en- no Português do Brasil. *XI Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística da USP*. <https://docplayer.com.br/50111471-Palavras-chave-morfologia-sintaxe-verbos-denominais-parassintese-estruturas-depreposicionais.html> (05/05/2020), 2009, p. 1-12.

PEREIRA, R. A. Propriedades dos prefixos a(d)-, en- e es- na formação de verbos em Português. In: *Actas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 2002, p. 367-376. <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2001-31.pdf> (05/05/2020).

RIO-TORTO, G. M. Formação de verbos em Português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação? In: *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 1994, p. 351-362.

RIO-TORTO, G. M.; RODRIGUES, A. S.; PEREIRA, I.; PEREIRA, R.; RIBEIRO S. *Gramática Derivacional do Português*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramento, 1964 [1931].

VALENTE, A. C. M. M.; SILVA C. C. C., GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA M. L. L. Enfoques sobre parassíntese em Português: da tradição gramatical à linguística cognitiva. *Revel*, Vol. 7, N. 12. <http://www.revel.inf.br> (24/09/2019), 2009.

VILLALVA, A. Configurações não-binárias em morfologia. In: *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 1994, pp. 583-597.

VILLALVA, A. Estruturas convergentes. In CASANOVA HERRERO, E.; CALVO RIGUAL, C., (orgs) *Actes del 26é Congrès de Lingüística i Filologia*

Romàniques (Valência, 6-11 de setembro de 2010). Berlim: W. de Gruyter, 2012, Tomo III p. 643-652.

WOLF, E. *Dicionário Inverso da Língua Portuguesa*. Moscovo: Nauka, 1971.

Dicionários e Corpora

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez e Latino* [...]. Coimbra-Lisboa: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728.

CARDOSO, J. *Dictionarium Latinolusitanicum*. Coimbra: Joan Barrerius, 1569-1570.

Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (2003-2020). Porto: Porto Editora. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa> (05/05/2020).

FEIJÓ, J. de M. M. *Orthographia, ou Arte de Pronunciar com Acerto a Língua Portuguesa*. Lisboa: Rodrigues, 1734.

FIGUEIREDO, C. de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Porto: Typ. da Empr. Litter. e Typographyca, 1913.

MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2 vol. Lisboa: Confluência., 1959 [1952].

PEREIRA, B. *Thesouro da Língua Portuguesa*. Évora: Typographia Academiae, 1647.

SILVA, A. M. *Diccionario da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Typ. Lacérdina. 2 v, 1813.